

CASA & JARDIM

Ano 41 - 1994

Nº 478 - R\$ 3,90

O Profissional
**Cláudio
Bernardes**


Jardinagem
**Flores da
primavera**

Quarto e estar
em 22m²

Efecê Editora

NOVAS IDÉIAS PARA SUA CASA

- ▣ **Apartamentos
para viver
e trabalhar**
- ▣ **Casas de
fazenda
e de cidade**



20 MODELOS
DE CAMAS

(ATÉ COM CONTROLE REMOTO)

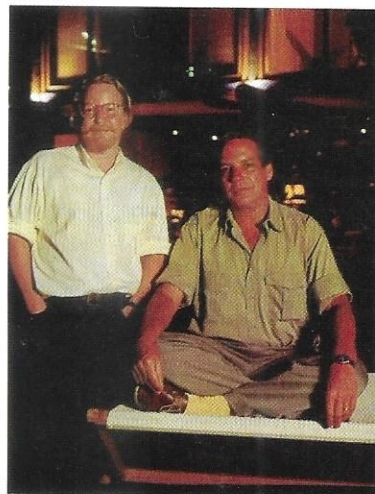


A Revolução das Cores

O arquiteto carioca Claudio Bernardes – com seu sócio Paulo Jacobsen – revela contrastes de cores, formas e opiniões num trabalho voltado para o vívido espírito tropical.

POR ELISETE VIANNA
FOTOS: RCURVELLO
PRODUÇÃO: SOLANGE MONTENEGRO

Com frequência, os colegas de profissão o mencionam como um dos melhores arquitetos do País. Claudio Bernardes traz nas veias uma grata herança paterna: a paixão pela manipulação dos espaços onde as pessoas deslizam suas vidas. Filho de Sérgio Bernardes, considerado, simplesmente, o “papa” da arquitetura brasileira, aos 45 anos, Claudio soma nada menos do que 31 anos em plena atividade profissional. Com um arquiteto tão conceituado dentro de casa, o pai, é natural que ele tenha começado a “curtir demais esse negócio de espaço e escala humana” ainda muito jovem. Hoje, com trabalhos destacados pela criatividade, curioso lembrar seu primeiro projeto, aos 14 anos: um tapume de obra.



Os arquitetos Claudio Bernardes, à direita, e Paulo Jacobsen.

No jardim do 999 Studio, onde funcionam sua loja e seu escritório com o sócio e também arquiteto Paulo Jacobsen, no Rio de Janeiro, Claudio não economizou palavras para conversar com Casa & Jardim. Do começo ao fim do bate-papo, manteve um agradável bom humor. Orgulhoso, conta que um de seus filhos, Thiago, está estudando arquitetura. Com essa notícia, não perde a chance de anunciar mais uma geração de Bernardes voltada para a criação de espaços.

Acima, o moderno, o antigo e o Oriente convivem em harmonia nos arejados projetos do arquiteto Claudio Bernardes. À direita, uma das marcas registradas do trabalho do arquiteto é a utilização de cores vibrantes em tons tropicais, ressaltando as raízes nacionalistas de suas criações.



“

Sou completamente apaixonado pelo Nordeste

”

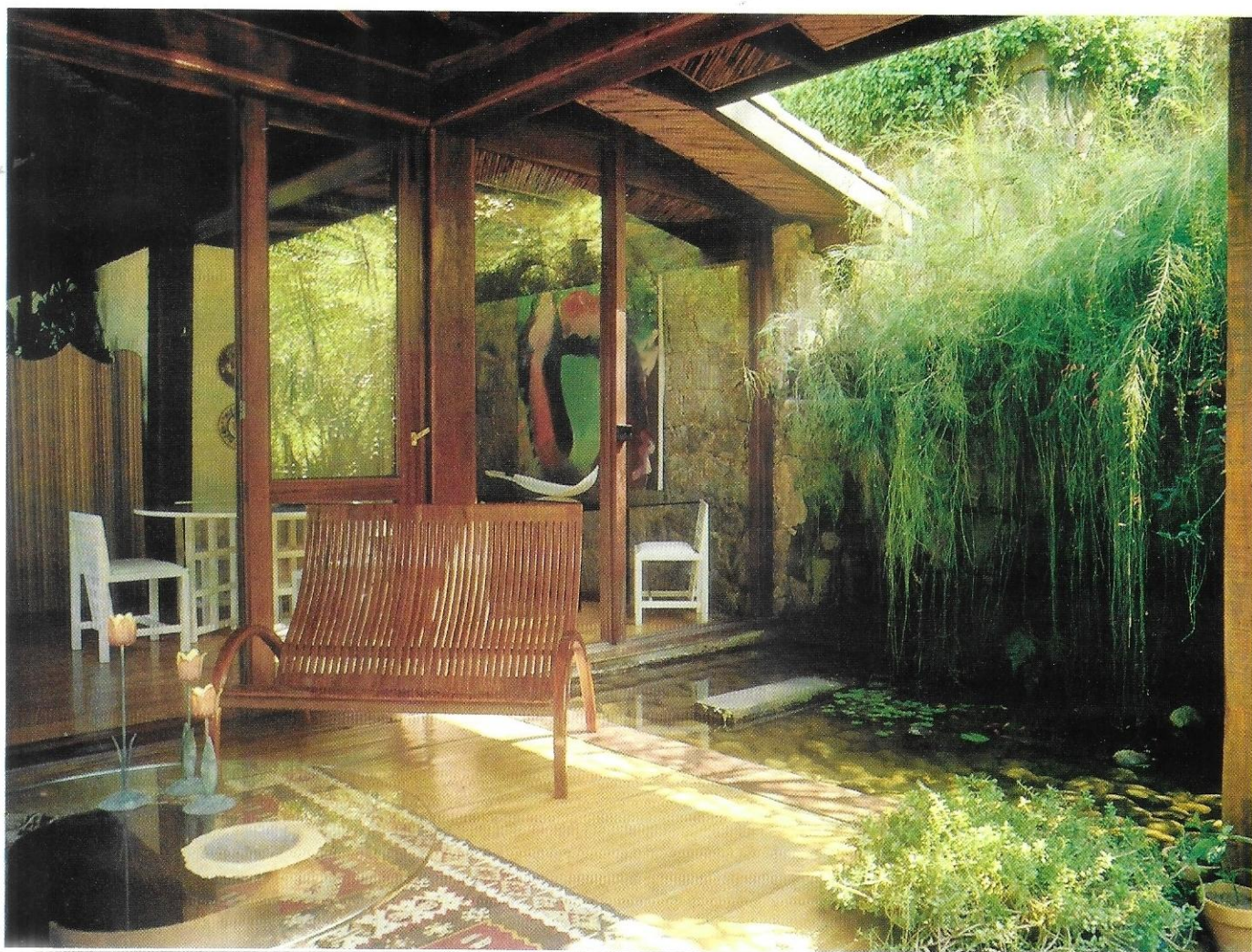
É verdade que você já realizou projetos bem diferentes, como casas sem paredes, portas ou janelas?

A história de que faço muita coisa assim é folclórica. Fiz uma casa do jeito que você falou, mas para eu morar. Era uma construção pequena, de uns 60 metros quadrados, em Angra dos Reis. Sem portas, sem limites. Até os jegues entravam nela. Parecia um galpãozinho. Uma delícia. Era recém-casado e a casa representava uma carta de amor à minha mulher. O comportamento de alguns hóspedes era engraçado. A barriga deles ia inchando... Tinham receio de usar o banheiro sem porta que ficava num cantinho estratégico. Ninguém via nada, mas mesmo assim ficavam todos grilados. Hoje, a casa mudou muito.

Ousar para valer, então, só para você mesmo?

Não. Também fiz uma casa aqui no Rio, para um cliente, onde o telhado abria todinho. De dentro dava para ver a Lua, as árvores... Depois, era só fechar que tudo voltava ao normal. As pessoas gostam de se proteger em casa, pois têm medo. E é para temer mesmo. Diante da política que aí está, não há outra alternativa. Não gosto nem um pouco disso. Aqui no escritório, como você deve ter reparado, não levantei muros. Vai ficar só com aquela rede de náilon que eu mesmo teci no dia da inauguração da loja, em maio. Não acredito em muros. Entendo que deva haver um muro contra ladrões, mas contra mim também é demais. O que vou fazer aqui dentro com uma parede ali na frente? Quando a coisa é aberta, as pessoas ficam mais inibidas em entrar já que estão sendo

Os materiais em fibras naturais, como a madeira utilizada no piso e na mobília, são uma constante que confere leveza aos ambientes.



Dois cadeiras de linhas Art Deco compõem um interessante jogo geométrico com a mesa e com a colorida vibração da tela.

vistas da rua. Num lugar fechado, pulou para dentro e pronto. Ninguém vê mais nada.

Ter o renomado arquiteto Sérgio Bernardes como pai ajudou na sua carreira?

Sim, por diversas razões. Tive uma escola muito bonita em casa. Ele é a pessoa mais interessante que conheci. Extremamente vibrante em tudo o que faz. Mas, a postura profissional dele é diferente da minha. Hoje, ele trabalha numa macroarquitetura, eu, na micro. Quero dizer, ele trabalha para o mundo e para ele mesmo, não mais para determinada pessoa. Não importa se o projeto dele será ou não executado. Ele apenas se diverte. Em estilo, também somos bem diferentes.

Não ter formação universitária atrapalha?

Nunca me dificultou em nada. Talvez eu tenha problemas caso resolva ir para o Exterior. Aí, peço um diploma ao IAB (Instituto dos Arquitetos do



Brasil), porque não sei mais fazer faculdade. Como acho que o IAB vai me negar o pedido, é bem capaz de eu ter que ficar pelo Brasil mesmo.

Como você define seu estilo?

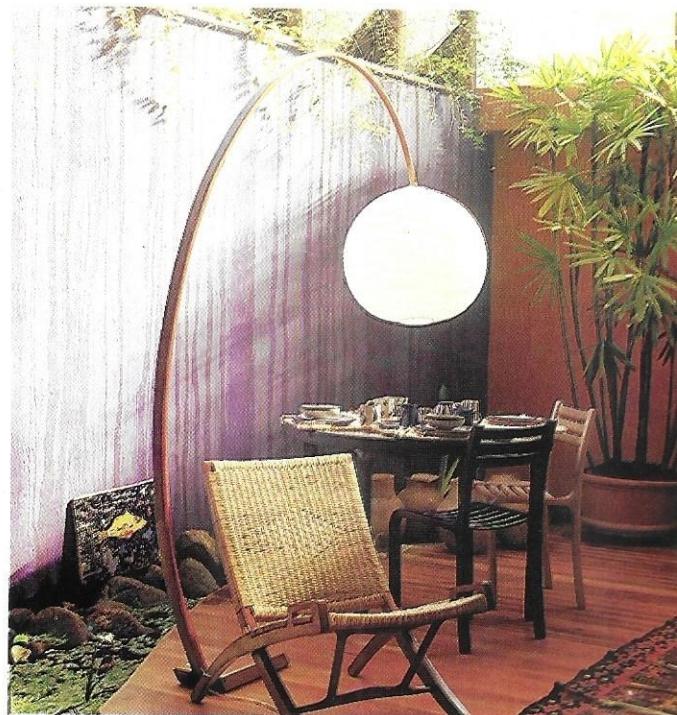
Tenho tentado voltar às nossas raízes, num proces-



A recamier dupla em vime convida para uma reflexão ao lado do jardim inspirado nas plagas do sudeste asiático.

Na área externa, o clima oriental destaca-se pela luminária de papel e pela cadeira balinesa.

Ao fundo, a parede não deixou de ganhar sua cor.



“
O ideal seria viver num bom cenário de vida
”

Também nos espaços comerciais, como este restaurante no Rio de Janeiro, o arquiteto imprime sua paixão pelas cores quentes.

so de revisão do Brasil. Analiso trabalhos de índios, uso palhas, barro, telhado de sapê, cipós, madeira... Curto à beça as luminárias pintadas pelo Jorge dos Anjos, artista plástico de Ouro Preto que utiliza cores alegres. Também ando “siderado” nessas coisas de água, de lago. Coloco água em tudo quanto é lugar. Não só acalma, pelo seu barulhinho, como também produz reflexos luminosos muito bonitos.

As pessoas normalmente mantêm expectativas em relação ao projeto de um arquiteto. Você procura corresponder a qualquer anseio?

Quando alguém me procura, já conhece mais ou menos meu estilo. O que não significa que eu faça sempre coisas de palha e cipó! Procuro projetar uma casa não para mim, mas sim para o cliente. É claro

que tento “esticar” a cabeça dele ao máximo, para conseguir o melhor possível. Vou até o limite, com o cuidado para não extrapolar. De outra forma, fica um ambiente “invivível”.

O que costuma complicar a relação com o cliente?

Para alguns, falta a vivência do espaço. Às vezes tenho problemas ao mostrar o lugar. Com jeito, faço a pessoa entrar pela casa e ir olhando. Mostro tudo bem devagar. Mas, não é nada complicado demais. Só perdi um cliente na minha vida. Por uma concorrência que eu desconhecia. Uma situação peculiar. Normalmente, me relaciono muito bem com as pessoas. Ah, lembrei-me de outro caso! Tive um cliente muito chato, tenso com esse negócio de dinheiro. Tenho horror a isso. Particularmente, não tenho dinheiro.



Ganho e gasto. A pessoa apegada demais ao dinheiro é difícil. Em vez de viver bem, fica com mesquinha. Com esse tipo, dou um jeito e saio fora.

E quando um cliente traz uma idéia que não tem nada a ver com seu trabalho?

Escuto tudinho até o final. Há pouco, recebi um cliente que demorou mais de uma hora descrevendo como queria que seu restaurante parecesse um bar de estação de trem antiga. Quinze dias depois, apresentei uma coisa completamente diferente. No final da conversa, ele disse que tinha perdido uma hora e meia comigo. Concordei: “Perdeu mesmo. Não sei fazer aquilo. Te apresentei uma proposta. É o que posso oferecer de melhor, senão procure outro arquiteto que saiba fazer um bar de estação”. Mas, no final das contas, ele adorou minha idéia.

As publicações sobre decoração facilitam a vida do arquiteto?

Às vezes vêm umas senhoras mostrando revistas estrangeiras e dizendo: “quero uma estante assim, o móvel tal...” Acho muito chato. Não é por aí. Capto um pouco da idéia geral e transformo em algo factível aqui. Gosto de ficar mais solto. Algumas pessoas

acham deslumbrante todas as idéias das publicações estrangeiras. Já entrei em apartamento de praia forrado de seda da cabeça aos pés e até com lareira falsa! Quer ter lareira, que tenha, mas em uso. Eu mesmo tenho uma que só dá para acender quatro ou cinco vezes por ano.

Você tem obras fora do Rio de Janeiro?

Claro! Tenho trabalhos em São Paulo, Brasília, Recife, Ceará e Bahia.

Seus trabalhos são mais voltados para arquitetura ou para decoração?

Arquitetura. Mas, tem uma fase do projeto de arquitetura – o planejamento da planta elétrica da casa – que acaba me levando aos interiores. A distribuição das tomadas de luz determina a posição dos móveis. Por sinal, não me acho um grande decorador. Gosto das coisas mais “sequinhas”. Não gosto de ficar colocando cortinas. Tenho horror em arrumar estante da madame. Ela que coloque um pouco da vida dela ali. Não acredito nesse papo de que a arquitetura deva ser *clean*. Não, porque ela deve refletir a vida das pessoas, que infelizmente carregam fardos enormes nas costas. É isso que tem de aparecer,

Em outro restaurante carioca, Claudio Bernardes optou pela descontração utilizando materiais naturais como junco, no teto, vime e madeira nas cadeiras.



“

Os paulistas copiam a arquitetura europeia e americana

”

ou não, através dos objetos expostos numa decoração.

Você não gosta de decorar?

Até gosto... Mas não sei decorar sem mexer na arquitetura. Se entro em apartamentos com paredes para todos os lados, logo quero quebrar tudo. O ideal seria viver num bom cenário de vida, em casas onde

A temperatura e o modo de vida são diferentes nas duas cidades. Em São Paulo, é mais frio e, por isso, as casas são mais fechadas, sem horizontes. O paulista faz a vida muito dentro de casa. O carioca é mais solto. Tem o botequim e a praia para andar. Além disso, São Paulo foi eleita para ser rica. E isso interfere fortemente. Tem outra coisa: os paulistas

copiam muito a arquitetura europeia e americana. Têm uma maneira mais pomposa de viver. Mas essa pompa não significa receber bem as pessoas. Você pode receber bem mesmo numa palhoça.

E Brasília e o Nordeste?

Em Brasília, tirando o trabalho escultórico do Niemeyer, sobram, com poucas exceções, casas horrorosas. É uma arquitetura fraca, vagabunda. Lá, com épocas do ano muito secas, não se pode usar qualquer madeira. Há uns detalhes de matéria-prima com os quais é preciso tomar muito cuidado. Já o Nordeste oferece coisas bonitas, além de ter um clima lindo. A luz é um barato! Sou completamente apaixonado pelo Nordeste. Estou com a obra na praia de Maria Fariinha, em Recife. A área, de 17 mil

metros quadrados, tem uma vista linda. Fiz a sede da casa e espalhei uns bangalôs pelo terreno, na copa das árvores, meio casa de Tarzã.

Existe algo que você esteja louco para fazer?

Tudo! Está tudo por ser feito e refeito. Ainda quero fazer uma casa embaixo d'água, outra sobre uma árvore. Uma em forma de cesto, feito um ninho, pendurada. Não há limites. ■

Num apartamento em São Paulo, o arquiteto desenhou um ambiente onde os espaços foram aproveitados em sua totalidade, mantendo sua preferência pelos tons claros e pela madeira.



as coisas se mexessem. Um misto de arquitetura brasileira com japonesa, onde você pudesse abrir e fechar os grandes espaços a qualquer hora, de acordo com seus sentimentos. Então, sou contra a arquitetura estática, com paredes fixas. Às vezes faço trabalhos assim por falta de dinheiro.

Existe diferença entre os trabalhos feitos no Rio de Janeiro e em São Paulo?